

ARENAS ANTIGAS E ESTÁDIOS MODERNOS

Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni¹

Universidade Federal do Paraná

Curitiba, Brasil

resenna93@hotmail.com

Recebido em 10 de março de 2008

Aprovado em 15 de março de 2008

Resumo

O presente artigo visa uma reflexão sobre uma questão que tem me interessado recentemente: a relação entre o mundo moderno e o antigo. Nesse sentido, partido de discussões sobre a importância do esporte no mundo contemporâneo pretende-se destacar como as práticas corporais da Antigüidade, em especial as lutas de gladiadores, podem fornecer caminhos alternativos para estudarmos a sociedade romana durante o Principado.

Palavras-chave: esporte moderno; gladiadores; império romano.

Abstract

Ancient arenas and modern stadia

In this paper I intend to discuss the relationship between the ancient and the modern world. Considering recent agenda on modern sports, I intend to focus on gladiators' fights to analyze how the study of this ancient combat can help us to propose more pluralist approaches to the Roman past.

Keywords: sports; gladiators; Roman Empire.

Introdução

O convite para participar do Fórum de História do Esporte foi, para mim, um desafio instigante e uma possibilidade de refletir sobre as lutas de gladiadores, tema que me dedico a estudar há alguns anos, a partir de outro olhar. Ao pensar na questão proposta pelo Fórum, se os romanos seriam esportistas, tomei a liberdade de deslocá-la um pouco e, ao invés de apresentar aqui um estudo específico sobre práticas corporais

¹. Doutora em História pelo IFCH/Unicamp, pesquisadora colaboradora do NEE (Núcleo de Estudos Estratégicos) da Unicamp.

institucionalizadas na Antigüidade, como as corridas de bigas ou os combates de gladiadores no período romano, optei por apresentar uma reflexão sobre a presença desses últimos no imaginário moderno.

Essa decisão pareceu-me apropriada, pois enquanto relia minhas anotações sobre a historiografia antiga e as discussões acerca das arenas romanas, lembrei-me de um ponto que sempre me chamou a atenção nos estudos sobre os combates, mas que por motivos diversos ainda não tinha me dedicado com mais cuidado. Assim, dada a oportunidade de participar das discussões sobre Esporte moderno resolvi, então, apresentar essa faceta dos combates de gladiadores que acredito ser pouco explorada, mas que pode propiciar um interessante debate: o papel dos gladiadores antigos no imaginário esportivo moderno.

De certa forma, esse aspecto que menciono me chamou atenção ainda na época que eu escrevia a tese na Unicamp, mas somente depois de um diálogo mais aprofundado com estudiosos do grupo sobre *Esporte e Sociedade* na UFPR² e da proposta desse evento, pude perceber sua potencialidade para pensar a presença antiga no mundo moderno a partir do viés esportivo. Assim, optei por dividir essa apresentação em dois eixos principais. Em primeiro lugar, gostaria de apresentar algumas reflexões sobre a relação entre Esporte e mundo antigo, destacando o papel da mídia e a relação que essa desenvolve ao comparar atletas modernos aos antigos gladiadores. Em seguida, a idéia é mostrar como estudiosos do mundo romano, em especial especialistas nos estudos acerca dos gladiadores, na ânsia de tornar seu tema mais familiar, lançam mão de diversas metáforas esportivas para explicar o antigo fenômeno da gladiatura.

Nesse sentido, a idéia central dessa reflexão é pensar como os discursos acerca do Esporte, em suas múltiplas significações, por um lado mantêm um estreito diálogo com o mundo romano, ressignificando o passado no imaginário moderno e, por outro, fornecesse subsídios para especialistas buscarem explicações para um fenômeno histórico tão singular. De uma forma ou de outra, apesar de extinto em 438 d.C. pelo Código Teodosiano, os combates de gladiadores romanos seguem vivos no imaginário moderno e ainda causam polêmicas entre os estudiosos do tema. Nesse sentido, acredito que explorar os meandros dessas duas formas diferentes de tratar o fenômeno da

². Refiro-me aqui ao grupo de estudos liderado pelo professor Dr. Luis Carlos Ribeiro.

gladiatura seria um caminho profícuo para pensarmos as diferentes formas de diálogo entre presente e passado.

Gladiadores romanos e imaginário moderno

Luis Carlos Ribeiro organizou, em 2003, um dossiê na revista *História: Questões e Debates* intitulado **Esporte e Sociedade**³. Ao apresentá-lo chamou atenção para um aspecto conhecido daqueles que se dedicam à temática, mas pouco difundido entre os pesquisadores que trabalham outros aspectos da sociedade moderna: a dificuldade de se tornar o esporte em um objeto de estudo das Ciências Humanas. Durante as primeiras décadas do século XX, a influência marxista e seu papel ao definir os objetos de estudos da História e Ciências Sociais, consagrou ao esporte o espaço do lazer, ressaltando seu caráter lúdico e de massa, reservando importância aos estudos sobre o trabalho e não a diversão. Assim, estigmatizado como fator de alienação, o esporte foi entendido como favorável às classes dominantes, impedindo a revolução tão almejada.

Somente com as críticas a algumas proposições marxistas nos anos de 1960 foi possível reverter esse quadro. A busca por novos temas, segundo Ribeiro, e a renovação crítica encabeçada pela nova historiografia marxista inglesa, abriu a possibilidade de se pensar a sociedade de forma mais ampla, para além dos muros das fábricas⁴. Atrelado a essa renovação da problemática marxista outro fator foi decisivo no desenvolvimento do campo, os estudos de Norbert Elias e Pierre Bourdieu. Ao trazerem o esporte para o centro das atenções dos sociólogos, cada um a seu modo ajudou a construir ferramentas conceituais fundamentais para tornar o esporte um fenômeno social, passível de ser analisado e discutido nas Ciências Sociais. Melo e Speciale ressaltam que os estudos de Bourdieu dos finais dos anos de 1970 e início da década de 1980, por exemplo, embora poucos, foram imprescindíveis sedimentar a noção de esporte como objeto de reflexão

³. Refiro-me ao número 39 da revista, publicado em jul./dez. 2003 com contribuições de Eric Dunning, Richard Giulianotti e vários especialistas brasileiros que discutiram o tema do futebol.

⁴. Para uma reflexão sobre a Teoria crítica do Esporte, cf. Vaz, A.F., “Teoria crítica do Esporte: origem, polêmica, atualidade”, in: *Esporte e Sociedade – Revista Digital*, ano 1, nº 1, 2005/2006. Disponível em <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/epsoc/docs/antiores.html?ed=1>, acessado em 01/03/2008.

que contribui para um maior conhecimento da modernidade, abrindo espaço para estudiosos explorarem um viés até então pouco considerado⁵.

Se no princípio o esporte era entendido como mercadoria e meio de alienação, os desdobramentos críticos ao longo do século XX e início do XXI vieram alterar profundamente esse quadro. A partir de um diálogo interdisciplinar, sociólogos, antropólogos, historiadores, profissionais da área de saúde e educação física expandiram as formas de se interpretar o esporte na modernidade. Assim, mais que um produto capitalista destinado a ludibriar as massas, o esporte passou a ser entendido como constituinte e construtor da sociedade, podendo ser interpretado a partir de uma multiplicidade de ângulos. Aos poucos foram se desenvolvendo estudos acerca da relação entre esporte e arte⁶, da sua importância política, de suas facetas nacionalistas, desde sua presença entre os ideais estéticos do nazismo até as implicações políticas das competições em época da Guerra Fria, da relação do homem com a natureza a partir do desenvolvimento de esportes de aventura, da sua importância disciplinar na educação militar, da violência dentro e fora dos estádios, das relações em que os sujeitos estabelecem com seus corpos, alimentação e ideal de beleza, das implicações da mídia e da espetacularização do esporte, enfim, de como o esporte produz emoções e emolduram visões de mundo, mediando relações do sujeito com o mundo ao seu redor.

Entre os diversos caminhos que se ramificaram após os primeiros estudos de Bourdieu e Elias, gostaria de destacar um aspecto em particular que sempre chamou muito minha atenção: a retomada dos valores clássicos e sua inserção no mundo do esporte moderno. Ao pensar essa relação, talvez o exemplo que venha a mente, de imediato, sejam os Jogos Olímpicos de Berlim de 1936, profundamente marcado por sua instrumentalização em prol do regime nazista⁷. No entanto, não só em períodos totalitários que a relação entre mundo antigo e moderno aparece no universo do esporte. Grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos ou a Copa do Mundo, constantemente evocam os antigos heróis e atletas formando uma ponte entre presente e

⁵. Melo, V.A. e Speciale, K., “Eram esportistas os gladiadores? Primeiros apontamentos”. Manuscrito inédito.

⁶. Cf. entre outros, Melo, V. A., “Jogos Olímpicos e arte – Olympia Leni Riefensthal”, in: *Lazer, animação cultural e estudos culturais/UFRJ*, disponível em: http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/cinema_olympia_art_2004.pdf, acessado em: 01/03/2008.

⁷. No Brasil, cf., por exemplo, o estudo de Cornelsen, E. L., “Olímpia a serviço de Germânia: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia Antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim”, in: *Clássica*, v. 19, p. 196-223, 2006.

passado por meio das aberturas espetaculares dos eventos transmitidas ao vivo e, também, por uma série de programas e reportagens para familiarizar o público brasileiro à Antigüidade Greco-romana.

Assim, é muito comum em época de Copa do Mundo a insistência na produção de reportagens na mídia impressa ou televisiva que retomam, acriticamente, a idéia de que os romanos viviam a política do *Pão e Circo* ou durante os Jogos Olímpicos a evocação de antigos deuses gregos e heróis que marcaram os textos literários de outrora. O interessante desse processo é que, em geral, tais reportagens são muito concisas e imediatas, construindo um discurso mais próximo dos ideais capitalistas modernos, de superação de limites, esforço, competitividade e beleza dos corpos do que das recentes pesquisas históricas que, muitas vezes, possuem uma visão contrária ao que a mídia noticia.

Embora não seja minha intenção aqui aprofundar essa discussão, gostaria de destacar algo que me parece muito instigante dentro desse processo: a comparação entre atletas e os gladiadores romanos. Considero essa comparação bastante intrigante, pois as lutas de gladiadores possuem uma série de particularidades que muito se distanciam do esporte moderno. Em seus primórdios os combates estavam inseridos em um contexto religioso, realizados com a função de manter viva a memória de pessoas importantes falecidas. Com o passar do tempo, essa atividade foi se transformando e adquirindo um viés público, mas nunca anulou definitivamente sua faceta religiosa e sua relação com um passado a ser lembrado⁸. Talvez o aspecto que mais indique essa permanência é a própria terminologia empregada, pois os combates de gladiadores nunca deixaram de serem chamados de *munera*, ou seja, o termo empregado durante séculos para se referir a essa forma de combate está relacionado ao caráter funerário do evento⁹.

Essa particularidade religiosa ou a relação com a morte, o sangue ou a *infamia* de seus combatentes, algo tão distante do que ocorre nos estádios modernos, no entanto

⁸. Sobre essa questão, cf. Garraffoni, R.S, *Gladiadores na Roma Antiga :dos combates às paixões cotidianas*, Editora Annablume/ FAPESP, S.P., 2005 e Clavel-Lèvêque, M., *L'Empire en jeux – espace symbolique et pratique sociale dans le monde Romain*, Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1984.

⁹. Para uma discussão do termo *munus*, *munera*, cf. além do livro já citado de Garraffoni, Ernout, A., *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, Livraria C. Klincksieck, Paris, 1967, pp. 421-422; Mosci Sassi, M., G., *Il linguaggio gladiatorio*, Pàtron Editore, Bolonha, 1992, pp. 141-144; Lécrivain, C. H., “Munus”, in: *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines* (Daremberg-Saglio – orgs.), Paris, Librairie Hachette, 1899, tomo III, pp. 2038-2045 e Funari, P.P.A. *La cultura popular en la Antigüedad Clásica*, Editorial Gráficas Sol, Espanha, 1989, pp. 83-87.

não impediu, por exemplo, que a mídia internacional, por ocasião da Copa do Mundo de 2002, comparasse estes antigos guerreiros ao então goleiro da seleção alemã, Kahn. Como na época eu vivia na Alemanha realizando parte de minha pesquisa de doutorado, pude acompanhar como em diferentes mídias se comentava a força e a destreza deste atleta, esperança da Alemanha reunificada de ganhar seu primeiro título mundial. Da mesma forma que Kahn era construído na mídia européia como um guerreiro impassível diante de qualquer ameaça, como um grande defensor do gol alemão e chamado de *Der Gladiator*, os torcedores eram comparados aos romanos comuns que freqüentavam as arenas ou corridas de bigas.

Embora essa tenha sido a primeira vez que vi uma relação tão explícita entre gladiadores antigos e atletas modernos, aos poucos percebi que tais comparações não se restringem ao futebol, mas diz respeito a toda uma gama de esportes que inclui até o surf¹⁰. Em 2004, por exemplo, tive a oportunidade de ler uma entrevista do surfista brasileiro Neco Padaratz concedida a Carlos Sarli, na ocasião em que o surfista voltara a conquistar prêmios internacionais¹¹. A reportagem, muito bem cuidada visualmente com fotos de Padaratz em diferentes momentos de sua carreira, me chamou a atenção, pois se intitulava “Gladiador”. Logo abaixo do título em letras grande seguia a seguinte chamada:

Neco Padaratz já foi considerado a maior promessa do surf brasileiro, inclusive pela mídia especializada estrangeira. Foi treinado para ser campeão desde a infância, mas problemas físicos o tiraram do rumo. Quase morreu numa onda errada no Taiti, teve de vencer o medo e a depressão – e lutar contra a fama de encrenqueiro e baladeiro. Aos 27 anos, mostrou o guerreiro que é ao conquistar, em 2003, o título WQS, a divisão de acesso do surf mundial. Este ano, ele voltou a Teahuppo e superou o trauma que quase o tirou do esporte.

Esse pequeno trecho, cuidadosamente escrito pelo autor da entrevista, nos indica o tom da reportagem e o perfil do entrevistado: um jovem treinado para vencer, um bravo lutador que além de superar os problemas físicos, voltou ao Taiti para enfrentar, mais uma vez, a onda que quase o matou. O interessante desse discurso é que ele nunca

¹⁰. Para uma discussão mais aprofundada sobre gladiadores a modernidade, cf. Garraffoni, R.S., “Gladiadores e a Modernidade”, in: *História e-História*, janeiro de 2005, disponível em www.historiaehistoria.com.br, acessada em 01/03/2008. Na ocasião do presente artigo me refiro mais as passagens sobre o surf, embora no original comente outras formas da presença do gladiador no mundo moderno.

¹¹. Sarli, C, “Entrevista – Gladiador”, in: *Revista Gol*, nº 29, 2004, pp. 34-40.

compara explicitamente o contexto dos combates de gladiador ao surf, mas deixa como livre associação do leitor. Ao acompanharmos a entrevista, é possível perceber que o cerne da questão está nos comentários que Padaratz faz de sua vida pessoal e sua carreira, além de algumas reflexões sobre acidente que ocorreu no Taiti. É por meio destas reflexões, e nas entrelinhas de sua fala, que o leitor pode estabelecer a ponte entre o surfista e o gladiador: treinamento físico e psicológico para o fortalecimento do corpo e alma para o desafio de vencer a morte. Assim, o que está em jogo não são somente algumas das características dos combates de gladiador como desafiar a morte, que só aparece no título, mas sim valores modernos como treinamento, a perseverança, a força, a superação de limites, a fama e a paz de espírito por ter cumprido os objetivos que são transformados em universais e atemporais, constituindo as virtudes do “gladiador moderno”.

Nesse sentido, acredito que por ser uma revista destinada aos jovens de classe média/alta, já que a matéria original era da Revista Trip e fora cedida para a revista de bordo da Gol, o cerne da questão não está nos antigos guerreiros, mas sim no incentivo do jovem leitor, seja ele empresário ou esportista, a melhorar a produtividade e vencer no concorrido mundo moderno. Assim, nessa associação proposta pela entrevista o gladiador romano é retirado de seu contexto original e reinterpretado a partir de valores muito bem definidos e os sujeitos que outrora viveram e lutaram nas arenas romanas são transformados em metáforas para reforçar alguns ideais contemporâneos como a necessidade de treinamento para ser um bom profissional, de domesticar a rebeldia jovem e tornar-se exemplo de fama e sucesso.

O perfil do gladiador que surge nesses discursos, seja os sobre o goleiro alemão ou o surfista brasileiro, não é em minha opinião, fundamentado na especificidade histórica romana, pelo contrário, é constituído a partir de generalizações e da homogeneização desta sociedade e da criação de pontes entre passado e presente baseada em princípios universais. Nas imagens que circulam pela mídia dos últimos anos, presenciamos os gladiadores sendo adaptados para atender ao mercado de consumo de massa, nas mais distintas esferas como, por exemplo, os filmes de Hollywood, os seriados de TV como Roma ou mesmo do *best seller* de Hyrum Smith intitulado *O Gladiador Moderno*¹², livro que compara antigos gladiadores a jovens

12. Smith, H. O Gladiador Moderno, Elsevier Editora, S.P., 2004.

empresários ousados que almejam vencer no competitivo mercado norte-americano, redimensionando os significados dos combates a fim de atender os anseios de vários setores sociais.

Nesse sentido, essas relações entre o esporte moderno e as práticas corporais antigas são atravessadas por discursos de competitividade e vitória, explorando um universo majoritariamente masculino. A construção da força e da coragem dos desportistas modernos acaba vinculando o vencedor a uma noção masculina muito específica que molda um imaginário do que seriam os combates de gladiadores, independente de seu contexto histórico, indicando como Roma segue sendo revisitada e reinterpretada em diferentes meandros da sociedade moderna e, muitas vezes, fora do alcance da academia. Se no campo midiático os gladiadores são símbolos de auto-controle, vitória e modelo de competitividade masculina, seria interessante observarmos o que a academia produz acerca desses sujeitos históricos.

Os Gladiadores e a historiografia

Os combates de gladiadores sempre se constituíram como um tema controverso entre os estudiosos do mundo romano e desde o século XIX muitas maneiras de se interpretar esse fenômeno foram produzidas. Em minhas incursões sobre a historiografia acerca dos combates de gladiadores percebi alguns eixos que se estruturaram as interpretações: os estudos que destacam o viés político dos espetáculos afirmando ou negando a idéia de *Pão e circo*, os que enfatizavam ou questionam seu caráter violento e os que exploram seus aspectos culturais e sociais¹³. Nesse momento, mais do que discutir cada uma delas, gostaria de ressaltar um pequeno detalhe, não considerado em nenhum dos trabalhos a que tive acesso, mas que é muito relevante para a reflexão que proponho nesse momento. Ao observar as muitas obras lidas sobre os combates, majoritariamente escritas por homens, percebi que nos prefácios, apresentações ou conclusões os estudiosos buscavam, de alguma maneira, trazer as lutas de gladiadores para um universo próximo aos leitores.

¹³. Para maiores detalhes dessa discussão cf. Garraffoni, R.S, *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*, op. cit., em especial os capítulos 1 e 2. Para uma versão mais resumida da discussão, cf. Garraffoni, R. S., “Contribuições da Epigrafia para o estudo do cotidiano dos gladiadores romanos no início do Principado”. *História*, 2005, vol.24, no.1, p.247-261.

Por meio desses momentos breves e contidos é possível perceber a subjetividade dos autores, seus dilemas pessoais ao tratar o tema, desde o fascínio até a repugnância, passando pela incompreensão, o espanto ou admiração e, por mais que pretendessem apresentar uma análise objetiva do tema, uma leitura atenta é capaz de expor as contradições de suas emoções. Assim, entre palavras introdutórias ou conclusivas, espalhadas aqui e acolá, esses autores indicam seus gostos, sentimentos e esportes favoritos, e suas interpretações do passado acabam profundamente marcadas pelo presente em que vivem¹⁴.

Essa leitura, que num primeiro momento pode parecer uma simples curiosidade, ao se tornar detalhada nos indica um universo muito singular, pois não é raro encontrarmos comparações surpreendentes. Talvez a mais inusitada de todas seja a de Thomas Wiedemann que, ao comentar sobre como os combates tornavam os homens irracionais, compara esse espetáculo romano com a excitação produzida por um *show de strip-tease*!¹⁵ A idéia de prazer em assistir a um bom combate ou a uma boa caçada é retirada por Wiedemann dos textos antigos, mas para tornar mais explícita e inteligível a emoção, o autor lança mão de elementos do cotidiano moderno. Em uma resenha do livro publicada em 1996, Funari chama atenção para o fato de que é uma característica desse livro os paralelos entre passado e atualidade propostos por Wiedemann¹⁶. Embora o autor tenha estudado com profundidade o tema, ao publicar um texto para um público mais amplo lança mão de comparações, muitas vezes de caráter psicológico, para comprovar seu raciocínio, pautado, na grande maioria das vezes, em documentos separados um dos outros por centenas de anos. Assim, a comparação de Wiedemann das lutas com os *shows de strip-tease* se insere em um contexto específico, pois faz parte da

¹⁴. Sobre a importância do presente na escrita da História, cf, por exemplo: Hingley, R. (org.) *Images of Rome: Perceptions of Ancient Rome in Europe and the United States in the Modern Age*, Journal of Roman Archaeology Supplementary Series 44, 2001; Hingley, R., “The ‘legacy’ of Rome: the rise, decline and fall of the theory of Romanization”, in: *Roman Imperialism: post-colonial perspectives* (Webster, J. et Cooper, N. – orgs.), Leicester, pp. 35-48, 1996; Hingley, R., *Roman Officers and English Gentlemen – the imperial origins of Roman Archaeology*, Routledge, Londres, 2000; Hingley, R., “Imagens de Roma: uma perspectiva inglesa” (tradução Renata Senna Garraffoni e revisão de Pedro Paulo A. Funari) in: *Repensando o mundo antigo – Jean-Pierre Vernant e Richard Hingley* (Funari, P.P.A. – org), Textos Didáticos n° 47, IFCH/UNICAMP, 2002; Jenkins, K. *A História Repensada*, ed. Contexto, S.P., 2005 e Munslow, A., *The Routledge Companion to Historical Studies*, Routledge, Londres, 2000.

¹⁵. Wiedemann, T., *Emperors and Gladiators*, Routledge, Londres, 1995, p. 143. Cabe destacar que a primeira edição de capa dura é de 1992.

¹⁶. Funari, P.P.A. Resenha de Thomas Wiedemann *Emperors and Gladiators*, in: *Boletim do CPA*, 2, pp. 89-94, 1996.

estratégia narrativa do autor, que se baseia, muitas vezes em explicações essencialistas e genéricas sobre o *ethos* romano, como a busca por virtudes guerreiras, facilmente localizadas pelo leitor.

É interessante destacar, também, que é provável que a inspiração para essa metáfora seja de Auguet, autor que Wiedemann cita em diversos momentos de seu livro. Ao publicar seu estudo no início dos anos 1970, Auguet apresenta um capítulo intitulado “O reino da Vedette”, no qual explora a apresentação pública e estabelece os primeiros contornos da oposição *fama* e *infamia* largamente desenvolvido por Wiedemann em *Emperors and Gladiators*. Comparar gladiadores a estrelas de cinema ou pessoas ligadas ao *showbis* é uma prática recorrente em uma parte da historiografia sobre os combates. Ao comentarem sobre as vedettes do cinema da primeira metade do século XX ou *shows* de *strip-tease*, como o caso específico de Wiedemann, os autores trabalham o imaginário do leitor, enfatizando uma idéia de prazer que esses combates poderiam gerar, atrelando a noção de satisfação à percepção visual dos combates e indicando uma atitude de entender o fenômeno baseada em um referencial moderno e masculino de prazer sensível.

O interessante dessas interpretações, em minha opinião, centra-se na ênfase do visual, na noção em que os combates deveriam ser desfrutados pela platéia. Creio que uma motivação semelhante também perpassou o texto de autores que estudaram o fenômeno na mesma época que Wiedemann. Nas publicações de língua inglesa do início dos anos de 1990, por exemplo, essa relação com o visual fica bem explícita no termo *entertainment* empregado em diferentes trabalhos, em especial nos autores de origem norte-americana. *Entertainment*, que significa ‘diversão’ ou ‘aquilo que diverte’ aparece em alguns títulos e, quase sempre, estabelecem relações entre a arena romana e os meios de comunicação de massa atuais, em especial no que tange a divulgação em larga escala dos esportes modernos. Beacham, por exemplo, afirma que as lutas devem ser entendidas no campo de estudos da diversão e dos espetáculos esportivos e Potter e Mattingly vão além, pois para esses autores o espetáculo público era sinônimo de ordem social e acreditam que os combates reafirmavam a identidade romana assim como o futebol americano, o basquete e o baseball simbolizam a cultura norte-americana¹⁷.

¹⁷. Beacham, R.C. *Spectacle entertainments of early imperial Rome*, Yale University Press, 1999; Potter, D.S., et Mattingly, D.J. (eds), *Life, death and Entertainment in the Roman*, USA: The University of Michigan Press, 1999.

A relação entre as lutas e um meio de difusão de valores romanos em um mundo em que a mídia não existia é, portanto, a base da argumentação desses autores. O interessante desse tipo de argumento é a presença de um discurso muito semelhante ao de Wiedemann: mais do que comentar as diferenças, esses estudiosos tornam os combates mais cotidiano aos modernos a partir de paralelos lineares com os esportes preferidos em seus países de origem. Nesses estudos, personalidades do esporte mundialmente reconhecidas na época, como Michael Jordan, por exemplo, são sempre destacadas para afirmar esse panorama de fama e *glamour*, como símbolos do que vem a ser a força da nação no campo esportivo.

Mesmo que esses paralelos amenizem as diferenças entre os combates e o esporte moderno, Wistrand chama a atenção para um aspecto inegável desses espetáculos, a presença da luta, da morte, o que em si seria algo permeado pela violência. Embora faça pouca menção ao esporte em seus estudos, Wistrand apresenta argumentos interessantes para pensarmos essa relação entre os combates e a diversão, tão comentada nos trabalhos citados acima¹⁸. Esse estudioso publicou suas pesquisas no início dos anos de 1990 e apresentou um extenso levantamento de textos latinos, chegando a uma conclusão que poderia chocar a muitos: ao contrário do que a sensibilidade moderna poderia supor, não há críticas explícitas a violência inerente a essa forma de diversão. Quando os autores antigos mencionam as lutas de gladiadores, em geral, acreditam que é uma forma de educar a população e mesmo que haja algumas discordâncias, como os textos de Sêneca, a polêmica não está na violência dos combates e sim se esses ainda cumprem o papel de valorizar as visões de mundo romanas.

É importante mencionar essa constatação de Wistrand e toda a sua surpresa diante do fato, pois a base de sua inquietação com relação aos jogos parte de uma preocupação bastante recente. Com o aumento a proliferação de filmes de ação e guerra e a difusão dos *video games* os intelectuais passaram a discutir a influência da violência entre seus consumidores. Assim, Wistrand recorre ao que considera um tipo de violência real, os espetáculos de gladiadores, e os contrapõe a violência “virtual” dos meios de comunicação de massa ou seus produtos. O interessante dessa relação é que, a partir dos textos antigos, Wistrand defende a idéia de que os combates como diversão

¹⁸. Wistrand, M., “Violence and entertainment in Seneca the Younger”, in: *Eranos*, 88, 1990, pp. 31-46; Wistrand, M., *Entertainment and violence in ancient Rome – the attitudes of Roman writers of the first century A.D.*, Suécia, 1992.

não seriam violentos, pois estariam inseridos em um contexto de busca pela virtude guerreira, aceito e difundido pela sociedade em questão.

Embora Wistrand diferencie as formas de violência no tempo e no espaço, a base de seu argumento está na noção de *entertainment*. Assim como Beacham, Potter e Mattingly ou Wiedemann, Wistrand também explora a idéia na qual os combates eram formas de diversão, de lazer, de prazer e enfatiza, quase sempre, o olhar masculino tanto no mundo antigo, empregando como fontes os textos escritos pelos autores romanos como no universo moderno, ao destacar filmes e *games* produzidos para suprir interesses de um público majoritariamente masculino. Em todos esses autores citados a presença masculina é, portanto, muito forte, seja nas suas seleções de esporte, praticados em sua maioria por homens, como nas metáforas sobre vedette e *shows*. Além disso, a noção de difusão dos combates em larga escala é bastante ressaltada como se essa fosse a única forma de expressão e constituição da masculinidade romana.

Não quero dizer com essas ressalvas que esses estudos não sejam confiáveis. Muito pelo contrário, cada um deles tem grande importância na historiografia, pois foi a partir deles que se retomaram os estudos sobre os combates, relegados a um segundo plano pela historiografia durante décadas. O que gostaria de destacar, no entanto, é que esses autores, ao pautarem sua argumentação na noção de *entertainment* e focarem no prazer masculino deixam de lado um estudo clássico de Monique Clavel-Lévêque, do início dos anos de 1980, no qual defende que os combates eram, antes de tudo de um jogo, inserido em uma forma particular de relações com o mundo, expressando uma função simbólica, em especial quando ligados a um culto religioso¹⁹.

Na visão de Clavel-Lévêque a alegria que se manifesta no jogo, seria parte constitutiva da relação dos homens com seus deuses e os combates de gladiadores seriam seu grande símbolo. A partir deste ponto de vista é possível interpretar os combates como um tipo particular de espetáculo público em que há uma comunicação entre aqueles que assistiam e os que atuavam no centro das arenas. Seus rituais e o combate em si seriam uma maneira de organizar a visão de mundo das pessoas que dele participavam e, conseqüentemente, expressariam uma diversidade de elementos que atuariam em diferentes níveis sociais, indicando a complexidade do fenômeno que inclui ciclos da vida individual, familiar e das práticas sociais.

¹⁹. Clavel-Lévêque, M. *L'Empire en jeux – espace symbolique et pratique sociale dans le monde Romain*, Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1984.

Essa perspectiva apresenta uma noção muito particular de jogo, no qual não seria pautada apenas no prazer ou diversão daqueles que assistem, como muitos dos autores citados mencionam, mas sim parte constitutiva da visão de mundo daqueles que dele participavam, influenciando a arquitetura das cidades e sua dinâmica, estabelecendo calendários, ordenando percepções e estética, expressando, por fim, os sentidos múltiplos da sociedade romana. Nesse sentido, Clavel-Lévêque traz o jogo, ou as práticas corporais romanas, para o centro de suas preocupações buscando por suas variadas facetas e nos desafia a criar alternativas para interpretar esse polêmico aspecto do mundo romano, pois como já ressaltou Funari no estudo mencionado, esta perspectiva propicia uma interpretação mais atuante dos sujeitos históricos, sejam eles os que vão aos anfiteatros como aqueles que lutam no centro das arenas. Lembrar os argumentos de Clavel-Lévêque é, portanto, uma forma de refletir sobre a importância do jogo entre os romanos e um meio de ressaltar as múltiplas facetas desse fenômeno dinâmico que fez parte da vida de muitas pessoas ao longo de quase cinco séculos. Mais do que enfatizar o prazer visual dos espetáculos, essa abordagem que trabalha História e Antropologia de maneira imbricada possibilita o encontro com outras formas de viver e organizar o mundo.

Considerações Finais

O intuito dessas reflexões apontadas não é classificar os combates de gladiadores ou encontrar uma função dentro da sociedade romana. Pelo contrário, quando propus o recorte temático, as imbricações entre modernos e antigos, tinha em mente sistematizar algumas inquietações que me acompanham há alguns anos. Nesse sentido, essas considerações são iniciais, mas mesmo assim acredito que abram caminhos para percebermos as complexidades e contradições outras formas de viver, ampliando nossos olhares sobre contextos sociais distintos.

Ao propor uma análise do papel do gladiador na mídia contemporânea e a construção de modelos de virtude nos esportes modernos, como no caso do goleiro Kahn ou do surfista Padaratz, busquei ressaltar que o cotidiano romano não está tão distante e pode atravessar lugares inesperados no mundo contemporâneo. Gladiadores, figuras controversas para grande maioria das pessoas, são evocados em discursos bastante específicos para ressaltar ideais de masculinidade, de sucesso e auto-controle.

Por outro lado, ao destacar as pesquisas de especialistas na academia, procurei enfatizar como os conceitos empregados para o estudo desse fenômeno carregam consigo suas percepções de mundo.

Os focos dos discursos são, portanto, distintos. Os especialistas fazem referências ao esporte ou cinema para exemplificar e esclarecer pontos de seus argumentos, ou seja, partem dos documentos e contexto histórico para estabelecerem suas análises e, eventualmente, estabelecem as comparações para situar o leitor. Já na mídia, em especial as revistas de grande circulação, as comparações são construídas totalmente descontextualizadas, servindo somente de aporte para promover a coragem ou a força do atleta.

Mesmo reconhecendo as diferenças discursivas, acredito que, seja na mídia como na academia, os gladiadores romanos seguem nos desafiando. Esses exemplos, mesmo que brevemente comentados, indicam que o entendimento desse fenômeno não é unívoco e nos instiga a redimensionar a percepção dos focos de estudo. No campo da contemporaneidade e da mídia esportiva, perceber as comparações entre atletas e gladiadores abre a possibilidade de refletir quais os valores ressaltados, as imagens de que se constroem de atletas vencedores como heróis, com vidas voltadas para atingir o máximo de seu rendimento e a importância da disciplina diante das adversidades, enfim, de como esses discursos moldam visões de mundo e, também, os ideais de masculinidade no campo esportivo. Por outro lado, no campo acadêmico, entender os conceitos empregados pelos estudiosos e suas implicações indicam a importância da busca por modelos interpretativos que expressem a complexidade dos combates nos momentos em que ocorreram.

De uma forma ou de outra, os combates ainda proporcionam polêmicas, testam nossas percepções de mundo e nos desafiam a refletir sobre as emoções humanas, sua diversidade e contradições. Talvez seja por isso que, em um Fórum sobre História do Esporte, mais uma vez, os gladiadores sejam o centro das atenções.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Victor A. Melo pelo gentil convite para expor essas reflexões no *Fórum de História do Esporte*, bem como pelo diálogo ao longo da escrita desse *paper*. Também gostaria de agradecer a Luis Carlos Ribeiro, André Caparro e

Celso Luis Moletta Jr. pela troca de idéias sobre a importância do esporte na sociedade em diferentes momentos. Cabe ressaltar, ainda, o apoio institucional da UFPR e do NEE/Unicamp para o desenvolvimento de minha pesquisa. A responsabilidade das idéias recai somente sobre a autora.